

## A PRESENÇA DO ANTI-COLONIALISMO MARTIANO NAS NARRATIVAS DECOLONIAIS HISPANO-AMERICANA ATRAVÉS DA LITERATURA: DIÁLOGO COM A CRÍTICA ANTI-COLONIAL DE WALTER MIGNOLO

Amélia Cardoso de Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é identificar os ideais anti-coloniais de José Martí principalmente através de sua produção literária e a partir de então identificarmos a presença de tais ideais no decolonialismo hispano-americano através da crítica anticolonial do intelectual argentino Walter Mignolo. Para tanto pretende-se utilizar o poema martiano intitulado “Abdala”(1869). Em Abdala Martí revela a angústia do sujeito colonizado vivendo fora de sua pátria e ao mesmo tempo percebe a necessidade de uma descolonização que fosse além da descolonização política e jurídica. Tal consciência é adquirida quando Martí observa as nações hispano-americanas que já haviam alcançado a independência político-jurídica, porém viviam um outro tipo de colonização que era a colonização cultural e intelectual principalmente. Neste sentido, podemos dialogar com os conceitos de Colonialismo intelectual e Diferença colonial de Mignolo. O Colonialismo intelectual é a tutela exercida pelos grandes centros do saber sobre o que é produzido pelos intelectuais oriundos das sociedades outrora colonizadas; A Diferença colonial são as estruturas de poder que dividem o mundo utilizando critérios raciais, econômicos, culturais, religiosos e políticos. Em tal divisão a Europa historicamente é considerada como superior. Através de tais conceitos percebe-se a presença dos ideais martianos, principalmente no que diz respeito a sua luta em prol de uma verdadeira independência para a América-hispânica: “A história da América, dos Incas até aqui, tem que ser ensinada em detalhes, embora não se ensine a dos arcontes da Grécia” (MARTÍ,2011, p.21).

Palavras-chave: Colonização, Literatura e Cultura

### ABSTRACT

The purpose of this article is to identify the anti-colonial ideals of José Martí primarily through his writing and from then identify the presence of such ideals in the Spanish-American decolonialismo by anti-colonial critique of the Argentine intellectual Walter Mignolo. Therefore we intend to use the poem Martí entitled "Abdala" (1869). In Abdala Martí reveals the anguish of the subject colonized living outside their homeland and at the same time realizes the need for decolonization that went beyond politics and legal decolonization. Such awareness is gained when Martí notes the Spanish American nations that have already achieved the political and legal independence, but lived another kind of colonization that was the cultural and intellectual colonization mainly. In this sense, we can get acquainted with the concepts of intellectual colonialism and colonial difference Mignolo.

The intellectual Colonialism is the supervision exercised by the great centers of knowledge about what is produced by the intellectuals coming from the formerly colonized societies; The colonial difference are the power structures that divide the world using racial criteria, economic, cultural, religious and political. In this

---

<sup>1</sup> É mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Co-coordenadora dos seguintes grupos de estudos vinculados a essa mesma instituição: GEPPECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Crítica Cultural) e GEPHID (Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Direito- eixo temático 1 Direitos Humanos na América Latina e questões étnico-raciais).

division of Europe is historically regarded as superior. Through such concepts realize the presence of ideals Martí, especially with regard to their struggle for true independence for America-Hispanic: "The history of America, the Incas here, it has to be taught in detail although not teach the archons of Greece (MARTÍ, 2011, p.21).

Keywords: Colonization, Literature and Culture

Conforme anunciamos acima pretendemos construir um diálogo entre o pensamento anti-colonial presente nas ideias de José Martí, principalmente no que tange a sua produção literária e a crítica decolonial hispano-americana de Walter Mignolo. São dois autores pertencentes a contextos históricos distintos. Enquanto José Martí foi um intelectual cubano do século XIX, sendo seu contexto histórico e social Cuba submetida ao colonialismo espanhol; Já Walter Mignolo é um intelectual argentino – é filósofo, literata e semiólogo. Atualmente é professor da Universidade de Duke nos Estados Unidos. Conhecido principalmente pela sua vinculação com a crítica decolonial latino-americana onde elabora críticas ao colonialismo e a colonialidade ainda vigente na América Latina.

Nas páginas que se seguem pretendemos demonstrar como o diálogo entre o anti-colonialismo martiano e a crítica decolonial de Walter Mignolo torna-se possível principalmente através dos conceitos de “Diferença colonial” e “Colonialismo intelectual interno” de Mignolo e poema de cunho patriótico intitulado “Abdala” publicado originalmente por José Martí em 1869 .

O ano de nascimento do intelectual cubano José Martí foi marcado pela morte de duas personalidades latino-americanas: o aristocrata venezuelano Domingo Delmonte<sup>2</sup> e o presbítero cubano Félix Varela<sup>3</sup>. Ambos representavam opiniões distintas sobre o destino de

---

<sup>2</sup> Domingo María de las Nieves del monte y Aponte (1804-1853) nasceu na Venezuela e viveu grande parte de sua vida em Cuba. Era advogado e literato, pertencia a um grupo de intelectuais considerados como os fundadores da Academia de Literatura Cubana. Era reconhecido por ser defensor da cultura cubana, pelo seu patriotismo e por defender as causas antiescravistas. Anos depois de sua morte, Martí o menciona como um dos mais reais e úteis dos cubanos de seu tempo. Devido a acusações de conspirações contra a Espanha se refugiou em Madri onde faleceu em 1853 (Rafael E. Samuel. In *Afrocuban Anthology Journal*, Edición 2004).

<sup>3</sup> Félix Francisco José María de la Concepción Varela y Morales (1784-1853) nasceu em Havana e se educou na Flórida, Estados Unidos, onde se destacou por sua inteligência e maturidade. Aos 23 anos foi ordenado sacerdote católico na catedral de Havana. Foi professor em um dos colégios de Havana e representante de Cuba no parlamento espanhol. Tais funções o possibilitaram lutar pela dignidade humana e pela liberdade dos escravos negros. Como professor, pôde ensinar aos jovens a consciência do valor que a fé e a educação representam para o ser humano. Foi exilado em 1823 nos Estados Unidos, onde exerceu seu sacerdócio por

Cuba, que, em 1853, ainda estava sob o jugo da metrópole espanhola. Martí nasceu em meio às discussões separatistas que haviam iniciado antes de seu nascimento. Delmonte acreditava que os problemas de Cuba se resolveriam com uma reorganização das relações entre a Metrópole e sua colônia, não sendo necessária a separação entre Cuba e Espanha. Varela já afirmava que a emancipação em relação ao colonizador deveria acontecer.

Rafael María de Mendive<sup>4</sup>, que, além de professor, era um poeta e um patriota<sup>5</sup>. Era quem dirigia a escola onde Martí estudava. Conseguiu autorização junto ao pai de Martí para custear seus estudos e passou a ser o mentor do novo intelectual que emergia cada vez mais consciente de seu verdadeiro papel enquanto pensador e cidadão de uma colônia espanhola em luta para se tornar independente. A Guerra dos Dez Anos iniciada no ano de 1870<sup>6</sup> representa o marco inicial da atuação de Martí como defensor de sua pátria. Participou da Guerra dos Dez Anos, acompanhando seu mestre Mendive, e publicou clandestinamente alguns escritos, como o poema “Abdala”, que narra a história de um jovem que morreu lutando por sua pátria (MARTÍ, 1983), demonstrando assim seu profundo descontentamento

---

quase 30 anos. Morreu aos 69 anos na Flórida, nos Estados Unidos (Catedral da Imaculada Conceição, Brooklyn, NY, 24 de Agosto de 2006, publicado no *Jornal Ideal*, n. 348, 349, 350, Brooklyn, NY, 2007).

<sup>4</sup> Rafael María de Mendive (1821-1886) foi diretor e professor na escola onde Martí estudava. Enquanto professor pode vislumbrar as grandes qualidades do então jovem José Martí, que o considerou como um pai e mentor teórico. Para Martí, seu mestre reunia todas as qualidades éticas e intelectuais que devem se combinar para a formação de um grande homem, que não aceita a tirania provocada pelo colonialismo. (RETAMAR, 1983).

<sup>5</sup> Patriota: segundo o pensamento de Martí em seu poema intitulado “Abdala”, é o cidadão cubano que não admite a opressão, aquele que anseia pela liberdade de sua pátria. Assim, o conceito de patriota tal qual Martí caracteriza pode ser aplicado a Rafael María de Mendive, cidadão cubano que não se acomodou diante do colonialismo espanhol, lutando pela emancipação de sua nação. (Retamar, In: MARTÍ, 1983).

<sup>6</sup> Guerra dos Dez Anos foi a guerra cubana contra a Espanha, que se iniciou em 1868 e se prolongou por 10 anos em sua primeira fase. Esse período de revolução é também conhecido como a Grande Guerra ou ainda a Revolução de Yara. Nessa pesquisa, chamaremos o conflito de Guerra dos Dez Anos, como é chamado por Lemos; Barros (1994) e Roberto Fernandez Retamar (1983). Foi liderada pela burguesia açucareira e contou com a participação maciça de escravos. Nela destacaram-se três personagens: Máximo Gómez, Antonio Maceo Y Grajales, um cubano de origem popular, e o pensador José Martí, que se envolveu na Guerra com apenas 16 anos. Uma das principais reivindicações do movimento era a abolição do trabalho escravo. Em 1878, o conflito foi esmaecido por um acordo entre os colonizadores e os chefes revolucionários, chamado Pacto de Zanjón, pelo qual foram feitas promessas visando algumas transformações políticas em troca de paz. Foi nesse exílio na Espanha que Martí escreveu “El presidio político em Cuba”, relatando os horrores que ele e os demais companheiros sofreram no trabalho forçado em uma pedreira.

com colonialismo espanhol. Em *Abdala* (1869), o então jovem José Martí demonstra que, a exemplo do jovem personagem de seu poema, ele também se via como personagem dessa trama, pois o contexto social, político e cultural em que vivia, ou seja, sob o jugo do colonialismo espanhol, se assemelhava à história narrada no poema:

Por ella moriremos, y el suspiro  
Que de mis labios postrimeros salga,  
Para Nubia será, que para Nubia  
Nuestra fuerza y valor fueron creados (MARTÍ, 1869, p.02).

Essa passagem reflete a visão martiana de que a luta pela soberania de Cuba se daria no momento em que aqueles que se decidissem a lutar pela pátria estivessem dispostos a arriscar suas próprias vidas em busca desse ideal. E essa força e valor nasceriam na medida em que os povos se conscientizassem da importância de se viver em uma pátria livre. Mas o preço que poderia ser pago para conseguir tal objetivo poderia ser muito doloroso.

Devido a um incidente, ocorrido já no segundo ano da Guerra, 1871, quando alguns espanhóis encontraram uma carta na qual Martí acusava um dos colegas de estudo de apostasia por ter-se aliado ao exército espanhol, Martí foi preso e condenado a seis anos de prisão e a trabalhos forçados em uma pedreira; depois de um ano, conseguiu, devido ao agravamento de alguns problemas de saúde, através de seu pai, ser deportado para a Espanha, onde viveu por cerca de três anos.

Em solo espanhol, estudou, ainda que irregularmente, direito, filosofia, letras. Para garantir seu sustento, ministrou aulas. Enquanto esteve exilado na Espanha, Martí escreveu “El presidio político em Cuba”, relatando os horrores que ele e os demais companheiros sofreram no trabalho forçado em uma pedreira. Mas, mesmo com tantas penalidades, seu amor pela pátria-mãe era ainda maior:

Presidio, Dios: Ideas para mi tan cercanas como el inmenso sufrimiento y el eterno bien. Sufrir es quizás gozar. Sufrir e morir para la torpe vida por nosotros creadas, y nacer para la vida de lo Bueno, única vida verdadera (...) El orgullo com que agito estas cadenas, valdrá más que todas mis glorias futuras; que el que sufre por su patria y vive para Dios, en este u otros mundos tiene verdadera gloria (El presidio político em Cuba. Edición conmemorativa de la inauguración del Rincón Martiniano. MARTÍ, 1944, p. 34/35).

Após essa temporada exilada na Espanha, iniciou sua vida de andarilho percorrendo quase toda a América. O que lhe possibilitou olhar sua ilha a partir de um novo prisma,

principalmente enquanto esteve nos Estados Unidos. Podemos constatar que há uma transição no pensamento martiano: o Martí de antes do exílio e de suas viagens pela América, quando seus ideais abrangiam somente Cuba, que ainda não era politicamente independente; depois desse conhecimento mais abrangente da realidade política e principalmente cultural das nações hispano-americanas, seu pensamento se transforma em defesa da independência cultural das nações da América espanhola que ainda eram colonizadas mentalmente, ao mesmo tempo precavendo Cuba para que, uma vez alcançada sua soberania política, também pudesse ter liberdade cultural.

Nova York, a partir de 1881, se tornou sua morada. Foi ali que cresceu seu prestígio como jornalista, sendo reconhecido em toda a América Espanhola. A partir dos anos de 1890, quando já gozava de maior amadurecimento e discernimento a respeito da realidade cubana, Martí se dedicou à tarefa organizacional da revolução. Em 1895, se inicia a revolução cubana contra a metrópole. Precocemente, Martí morreu em combate aos 42 anos de idade. Não tinha experiência com armas, mas não quis se acovardar diante da luta. Tomou a frente do exército em busca de liberdade. Essa sua paixão pela causa estava expressa em algumas cartas enviadas a seus amigos às vésperas de sua morte. Também em seus poemas expressou seu patriotismo:

Yo quiero salir del mundo  
Por la puerta natural:  
En un carro de hojas verdes  
A morir me han de llevar.  
Non me pongan en lo oscuro  
A morir como un traidor:  
Yo sou bueno, y como bueno  
Moriré de cara al sol !  
(MARTÍ, 1997, p.109)

Para Martí a literatura era considerada como a expressão mais fiel da nação, pois acompanha o desenvolvimento cultural e social da nação. E a literatura produzida por Martí estava a serviço de sua crítica anti-colonial e crítica ao neocolonialismo estadunidense.

Em 1898, Cuba se tornou livre do colonizador espanhol, porém tornou-se neocolônia<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Neocolônia, aqui entendida como o processo que culmina com a intervenção política e econômica dos Estados Unidos nos assuntos internos das nações que formavam a ilha do Caribe e América Central, em especial Cuba. Esta se torna independente da metrópole espanhola, mas os Estados Unidos, através da Emenda Platt, justifica a sua intervenção comercial e política na ilha. Essa política expansionista tinha em seus

dos Estados Unidos, concretizando as previsões de Martí acerca do projeto estadunidense de expansão imperialista no mar do Caribe e América Central. Segundo Martí, os Estados Unidos representavam um perigo para a soberania de uma Cuba livre, o que pode ser percebido na seguinte afirmação em uma carta sua escrita em 1895 a um de seus amigos, Manuel Antonio Mercado<sup>8</sup>:

Já estou todos os dias em perigo de dar minha própria vida por meu país e por meu dever, uma vez que assim entendo e tenho ânimo para realizá-lo, de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se alastrem pelas Antilhas e caiam, com essa força a mais, sobre nossas terras da América. Tudo quanto fiz até hoje, fiz e farei, é para isso (MARTÍ, 1983, p.252).

A vida intelectual e profissional de Martí nos possibilita situá-lo tanto no contexto da Cuba colonial, como também na Cuba pós-independência, pois seus ideais se fizeram presentes no processo de emancipação da ilha em relação à política colonialista espanhola e, meio século depois, foram evocados por Fidel Castro como mentor intelectual da revolução de 1959. É evocado como sendo o pai da revolução. Fidel Castro apropriou-se dos seus ideais como instrumentos legitimadores da revolução, já que Martí é considerado historicamente o herói da independência de Cuba em relação à Espanha, um soldado que acabou morrendo lutando pela liberdade de sua pátria. Por isso se tornou uma espécie de mártir para os cubanos. A utilização da figura de Martí como herói e mártir fortificou o aparato ideológico e revolucionário liderado por Fidel Castro.

Sua imagem presente na ilha pode ser percebida ainda em diversas escolas onde foram esculpidos bustos em sua homenagem. Em um de seus escritos elaborado enquanto esteve no México (1875), denominado “Cinco de mayo: Estudiantes-memória rara-fiestas de Tlalpan”, Martí fala do culto pela pátria, da importância de se comemorarem as festas que marcam e relembram a luta pela independência do país, de as pessoas respeitarem as imagens e todos os monumentos que anunciam a história da pátria:

---

bastidores a ideologia do Destino Manifesto, que afirmava que os Estados Unidos seriam o povo eleito por Deus que deveria conduzir as demais nações (VILLAÇA, 2008).

<sup>8</sup> Manuel Antonio Mercado (1838-1909), mexicano considerado um dos grandes amigos de Martí, numa amizade que se iniciou quando Martí foi com a família temporariamente para o México. Em 18 de maio de 1895, já no acampamento de Dos Ríos, às vésperas de sua morte em combate, Martí, através de uma carta enviada a esse amigo, expressa seus sentimentos e perspectivas sobre o futuro de sua pátria (apud Retamar, In MARTÍ, 1983).

Extinguido por ventura el culto irracional, el culto de la razón comienza ahora. No se cree ya en las imágenes de la religión, y el pueblo cree ahora en las imágenes de la patria. De culto a culto, el de todos los deberes es más hermoso que el de todas las sombras. Bien hace el pueblo mexicano en celebrar fiesta el día en que el enemigo de su libertad fue atacado y abatido: esta fiesta no significa ódio, esta fiesta significa independencia patria (MARTÍ, OC, V.6, p: 195).

Para José Martí, a ideia de pátria era sagrada, pois a compreendia mais do que um espaço físico visível ou um lugar de nascimento; compreendia-a como o que estava intimamente ligado à honra e aos sentimentos de cada homem. Se Cuba foi o lugar onde nasceu, sua pátria, ela também o era não apenas como espaço, mas como o lugar onde, mesmo passando boa parte de sua vida ausente, pôde formar uma comunidade de ideais aos quais outros se juntaram a fim de buscar a independência política. Em seu artigo “Ideário Separatista”, escrito originalmente em 1873, aparece a ideia-chave do que seria para José Martí o conceito básico de pátria:

Y no constituye la tierra eso que llaman integridad de la patria. Patria es algo más que opresión, algo más que pedazos de terreno sin libertad y sin vida, algo más que derecho de posesión a la fuerza. Patria es comunidad de intereses, unidad de tradiciones, unidad de fines, fusión dulcísima u consoladora de amores u esperanzas (Cadernos de cultura, V. 4, 7ª série, MARTÍ, 1947: p.8).

No poema “Abdala”, Martí deixa claro o quanto a ideia de uma pátria independente era forte em seus pensamentos. Em um dos diálogos que o personagem “Abdala” faz com os demais personagens da história, argumenta que o povo está encorajado para lutar contra o colonizador, apesar de saberem que o colonizador possui muito mais armamentos, o povo está disposto a dar sua própria vida se necessário for. A pátria era venerada, era associada a ideia de mãe. A libertação da pátria das mãos do colonizador era essencial, pois “era preferível morrer a ter que viver em uma pátria dominada, viver deslocado”.

A ideia de pátria estava associada também ao deslocamento físico e cultural: está presente no poema, que a pátria deveria ser libertada, pois viver em uma pátria dominada pelo conquistador é como viver deslocado, ainda que haja a presença física, a pessoa está deslocada pois, a colonização exerce dominação não só sobre o espaço físico, mas também sobre os corpos das pessoas, impondo a elas seus valores culturais, sua religião como sendo superiores. Ou seja, o corpo, o espírito, o pensamento é colonizado.

A ideia de deslocamento cultural em Martí é resultado da “Diferença colonial”, conceito do intelectual argentino Walter Mignolo.

Tal conceito nos revela a presença do pensamento martiano na crítica decolonial da América-hispânica contemporânea. A *Diferença-colonial* em resumo é o espaço físico ou imaginário onde surge a colonialidade do poder, onde principalmente o imaginário ocidental surgiu e se consolidou como o dominador do mundo “colonial/moderno”. É o espaço onde se estrutura as relações de poder e representação no mundo colonial, dividindo o mundo por questões de raça, cultura, economia, política e religião, onde o europeu é considerado superior mediante todas as categorias citadas acima. Tal diferença não acaba com o fim do colonialismo, persistindo no mundo pós-colonial resultando na formação de uma “dupla consciência” na elite crioula. Esta segundo Mignolo nega a dominação política da Europa, entretanto não nega a europeidade. Podemos perceber a presença do pensamento martiano no conceito de *Diferença-colonial* de Mignolo quando Martí critica os filhos de espanhóis nascidos na América-hispânica, que eram chamados de criollos. Martí denominou-os como criollos exóticos, aqueles que apesar de outrora lutarem contra o domínio político-jurídico espanhol (referência as lutas de independência da América-hispanica), quando conseguiram pôr fim a tal domínio continuaram defendendo o modelo europeu e também estadunidense de organização político, social, econômica e cultural através da importação de ideias. Tal imitação é o resultado do imaginário construído pela naturalização da diferença entre o europeu e o não europeu, assim a superioridade do colonizador europeu foi naturalizada. O conceito de *Diferença-colonial* também é o responsável pelo o que Mignolo denomina como o *Colonialismo intelectual interno*. Tal conceito é atribuído por Mignolo a aqueles intelectuais que se autoproclamaram os portadores de uma missão civilizadora em seus respectivos países. E tal missão só funcionaria através do processo de importações das práticas políticas, culturais e sociais da Europa ou mesmo dos Estados Unidos<sup>9</sup>. Como exemplo deste *colonialismo intelectual interno* Mignolo faz referência ao intelectual argentino Domingo Faustino Sarmiento que acreditava que o desenvolvimento do seu país só seria possível imitando os ideais europeus e principalmente estadunidenses. O que Mignolo denominou como *colonialismo intelectual interno*, Martí denominou no final do século XIX como os *letrados artificiais*. Aquelas intelectuais que segundo o pensamento martiano não valorizavam a especificidade cultural e social dos povos hispano-americanos como algo positivo. Tal

---

<sup>9</sup> Os Estados Unidos foi historicamente considerados superior as demais nações da América devido ao seu específico processo de colonização e também pelo seu extraordinário desenvolvimento socioeconômico.



especificidade era considerada inferior e deveria ser substituída por novos valores importados da Europa ou dos Estados Unidos.

Assim, podemos dizer que o deslocamento cultural criticado por Martí é fruto da “Diferença colonial” produzida pelo colonizador para inferiorizar e submeter o outro colonizado ao seu domínio, portanto o outro colonizado é deslocado culturalmente.

Martí vivenciou a experiência do deslocamento cultural em Cuba, sua pátria e também a experiência do deslocamento físico, pois passou boa parte de sua vida exilado.

Segundo Eugênio Rezende de Carvalho (2003), os elementos básicos que foram responsáveis pela formação da ideia de pátria para Martí foram, primeiro, o seu envolvimento com os ideais da independência e o seu precoce envolvimento com a Guerra dos Dez anos; depois, sua experiência no exílio:

A história tem fornecido inúmeros exemplos de como os indivíduos no exílio, sobretudo os intelectuais, tendem a uma reflexão profunda sobre suas próprias raízes: a privação de um solo e de uma pátria impõe a sua reivindicação. Uma das saídas privilegiadas para o vazio do exílio tem sido historicamente o exercício da escrita: por meio dela busca-se preencher esses espaços e ausências, construir nações e nacionalidades, formular utopias e identidades (CARVALHO, 2003, p.116).

Após 10 anos de exílio, regressou a Cuba, mas foi mais uma vez deportado para a Espanha ainda acusado de conspiração contra a Metrópole espanhola. De lá, partiu para Paris e, logo em seguida, para Nova York, onde permaneceu até 1892. Enquanto esteve nos Estados Unidos, sua produção intelectual foi intensa, conscientizando seus compatriotas através de seus escritos. Por essa época, Martí tomou ainda mais consciência dos perigos que o imperialismo norte-americano representava para sua nação. Publicou diversos artigos em jornais de várias capitais hispano-americanas, além daqueles publicados nos Estados Unidos, como o intitulado “Vindicação em Cuba”, traduzido de uma carta que publicou com esse título no ano de 1889.

Nessa carta, Martí defendia a pátria cubana das acusações feitas por um jornal estadunidense da Filadélfia chamado *The Manufactures*. Saiu em defesa principalmente daqueles que lutaram e pereceram com a Guerra dos Dez Anos. Segundo o jornal, os cubanos eram um povo efeminado, fazendo alusão sobretudo aos mestiços e aos jovens que viviam nas cidades. Afirmava que eles possuíam geralmente corpos delicados. A matéria considerava-os

preguiçosos e vagabundos. A todos esses adjetivos Martí respondeu: que os cubanos eram homens fortes, que lutaram com garra e às vezes com força gigantesca contra um governo tirânico. Eram camponeses que souberam deixar o arado e com um facão na mão lutar pela liberdade. Tratava-se de jovens capazes de vender suas joias para ir até o campo de batalha. Essa era para Martí a natureza dos cubanos:

(...) obedecer como soldados, dormir na lama, comer raízes, lutar dez anos sem pagamento, vencer o inimigo com um galho de árvore, morrer... Estes homens de dezoito anos, estes herdeiros de casas poderosas, estes juvenzinhos cor de azeitona morreram de uma morte da qual ninguém deve falar com a cabeça descoberta; morreram como esses outros homens nossos que sabem, com um golpe de facão, fazer voar uma cabeça, ou, com um golpe de braço, fazer ajoelhar um touro (MARTÍ, 1983, p. 149).

Quando Martí fez a defesa de seus compatriotas em 1889, estava no ápice de seu amadurecimento teórico e já com os preparativos adiantados para a revolução que se iniciou em 1895. Em 1892, na Flórida, fundou o *Partido Revolucionário Cubano*, que defendia a Independência de Cuba, propagando os seus ideais. Quando o Partido já estava fortalecido por diversas doações que recebera e pela adesão de Máximo Gómez e Antonio Maceo, decidiu que era hora de a luta começar. O partido criado por Martí deixava claros os princípios que deveriam gerir o processo revolucionário. Mesmo a escolha do nome resumia uma das principais ideias martianas da não imitação pura e servil, seja do ponto de vista político ou cultural. Defendia que, ao invés da cópia pura e simples, era preciso criar. Dessa forma, a escolha do nome. Partido Revolucionário Cubano, segundo o historiador cubano Salvador Morales, diz muito sobre a ideia martiana de pátria, que, vimos dizendo, vai muito além de um espaço geo-histórico; diz também de sua preocupação com a imitação excessiva de fórmulas alheias na realidade daqueles que as recebia:

No es Partido Revolucionário de Cuba, sino Cubano, lo cual implica una adhesión de identidad nacional y cultural entrelazada a la Idea y práctica de la política asumida. Conociendo la oposición antagónica de Martí a la imitación de modelos foráneos en cualquiera de sus implicaciones mecánicas al uso, el término adquiere ese sentido de vía, de creación propia, de métodos originales, ajustados a las condiciones del país y a la cultura política de los patriotas cubanos sin distinción de clase, raza y sexo (MORALES, In. Cuadernos Americanos, V. 3, México, 1995, p: 134).

Outro documento também redigido com a intenção de direcionar o movimento revolucionário foi o *Manifiesto de Montecristi* (1895), em que foram expostas as regras do

levante e, principalmente, os propósitos a serem alcançados. Como na batalha lutariam juntos homens brancos, negros e mestiços, eles teriam que lutar sem fazer distinção uns dos outros. Pois aqueles que fizessem objeção ao regime colonial seriam considerados iguais, visto que o principal objetivo era combater esse regime, promovendo a libertação econômica e a independência cultural da ilha, visando construir uma nova identidade com homens cultural e socialmente livres. E a regra de não fazer distinção uns dos outros se sintoniza com a ideia de pátria martiana na formação de uma comunhão de ideias.

Essa constatação de José Martí com respeito à formação de uma comunidade de ideias em busca de um ideal comum evidencia que sua ideia de pátria não era essencialista ou fechada em si mesma, mas aberta a todos aqueles que compartilhassem dos mesmos ideais culturais e sociais.

Assim, para Martí, homens, independentemente de sua origem, estariam lutando por um objetivo comum, que era a libertação de Cuba do colonialismo espanhol. Ainda no Manifesto de Montecristi, Martí deixava claras as intenções da guerra:

La guerra no es la tentativa caprichosa de una independencia más temible que útil, que solo tendrían derecho a demorar o condenar los que mostrasen la virtud y el propósito de conducirla a otra más viable y segura, y que no debe en verdad apetecer un pueblo que no la pueda sustentar; hombres enteros que en el reposo de la experiencia se han decidido a encarar otra vez los peligros que conocen, y de la congregación cordial de los cubanos de más diversa origen, convencidos de que en la conquista de la libertad se adquieren mejor que en abyecto abatimiento las virtudes necesarias para mantenerla (Cuadernos de cultura, Ideário Separatista. v. 4, 7ª série, MARTÍ, 1947, p.174).

Nessas constatações de Martí no *Manifesto de Montecristi*, em 1895, percebe-se que ele foge do essencialismo no que diz respeito ao seu projeto identitário.

Ainda em uma passagem desse manifesto diz:

La guerra no es contra el español, que, en el seguro de sus hijos y en el acatamiento a la patria que se ganen podrá [n] gozar respetado [s], y aun amado [s], de la libertad que sólo arrollará a los que le salgan, imprevistos, al camino. Ni del desorden, ajeno a la moderación probada del espíritu de Cuba, será cuna la guerra; ni de la tiranía (Cuadernos de cultura, Ideário Separatista. v. 4, 7ª série, MARTÍ, 1947, p.174).

A guerra pela independência de Cuba não seria um luta contra os espanhóis, mas contra o domínio tirânico da Espanha. Para Martí todos aqueles espanhóis que estivessem dispostos a lutar ao lado dos cubanos seriam aceitos.

Entretanto, por mais paradoxal que possa parecer, tal afirmação pode ser comparada a outra passagem em que Martí diz: “Injértese en nuestras repúblicas el mundo; pero el tronco ha de ser El de nuestras repúblicas” (MARTÍ, OC, 1891, V.6.p.18). Nesta passagem, Martí faz referência não somente a Cuba, mas a toda a América hispânica. Ao mesmo tempo em que Martí quer que a América se abra para o mundo e não se isole, ele quer que o tronco seja o da América hispânica, ou seja, deveria haver algo peculiar aos hispano-americanos e essa peculiaridade estaria na mestiçagem, que tornava a América hispânica diferente de outras nações.

Assim sendo, consideramos que o anticolonialismo martiano em relação à Espanha e sua luta contra o imperialismo dos Estados Unidos não significa que seu pensamento fosse radical ao ponto de defender que a América hispânica se isolasse por completo dos Estados Unidos ou da Espanha e demais países da Europa. O anticolonialismo em Martí é sua luta contra as condições em que se realizava o contato entre os países da América espanhola e os países europeus e os Estados Unidos. Era uma relação em que os hispano-americanos eram explorados do ponto de vista econômico, político e também cultural. Esse cenário de exploração era muito nítido quando os Estados Unidos interferiram no processo revolucionário cubano.

A perspectiva identitária de José Martí para a América-hispânica elaborada nas últimas décadas do século XIX apresenta ecos na atualidade principalmente quando percebemos que há um grande número de intelectuais da América-hispânica, dentre eles Walter Dignolo que produzem atualmente duras críticas contra as novas formas de dominação produzidas pela ideologia “euro-norte-americana.” A colonização da mente é denominada por Martí como a colonização cultural, onde os nativos foram convencidos pela ideologia colonial que sua cultura, seus saberes eram inferiores e, portanto deveria ser suprimido. Sendo assim, a melhor saída seria imitar a cultura do colonizador. É um tipo de colonização que não termina com a descolonização política e jurídica, pois demanda um processo contínuo. Partimos do pressuposto de que o projeto identitário de José Martí que demandava principalmente a identificação dos hispano-americanos com sua realidade local ainda faz parte das críticas e demandas dos autores decoloniais hispano-americanos que lutam principalmente para reescreverem suas histórias a partir da perspectiva do colonizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Eugênio Rezende, *Nossa América: “A utopia do Novo Mundo”*, São Paulo: A. Garibaldi, 2001.

CARVALHO, Eugênio. *A América para a humanidade o americanismo universalista de José Martí*/Eugênio Rezende de Carvalho. -Goiânia UFG, 2003.

MARTÍ, José. *Nossa América*. Roberto Fernandez Retamar (org), São Paulo: Hucitec, 1983.

MARTÍ, José. *Obras completas*. 2.ed. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1975. (Primeira edición publicada por La Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades. La Habana, 1963-1965). Volumes: 06,07,08, 11, 13,19.

MARTÍ, José. *Versos Sencillos*. Trad: Sidnei Belmur Schneider. Porto Alegre, 1997.

MARTÍ, José. *El presidio político em Cuba*; Edición conmemorativa de la inauguración del Rincón Martiniano, MARTÍ: 1944, p: 34/35

MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales In. Gragoatá-N.1 (2.sem.1996)- Niterói: EDUFF, 1996. Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal fluminense.